

## **IDEOLOGIA E SUAS MULTIPLAS FORMAS DE EXPRESSÃO – UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE GRAMSCI<sup>1</sup>**

**Paulo Roberto Félix dos Santos**

Docente do Departamento de Serviço Social da UFS

**Maria Thamires Andrade**

Graduanda em Serviço Social - UFS

**Suzycleia Oliveira dos Santos Pereira**

Graduanda em Serviço Social - UFS

**RESUMO:** Em face da ofensiva do capital ao trabalho não só no campo da produção social *strictu sensu*, mas também na esfera da cultura e da política, através de eficazes mecanismos de dominação ideológica, entendemos que é importante apreendermos quais os fundamentos da ideologia e suas múltiplas formas de expressão. Para isso, buscamos nos referenciar na concepção apresentada por Antônio Gramsci, que nos permite, além de capturar quais os determinantes da ideologia, mapear suas manifestações no campo do senso comum, religião, folclore e da filosofia. Trata-se, portanto, do objetivo do presente trabalho apresentar de forma sumária como se dá a relação entre ideologia e as esferas anteriormente listadas, na obra do pensador italiano. Como fonte de pesquisa nos valem das discussões apresentadas no volume 1 d'Os cadernos do cárcere, além da contribuição de outros pesquisadores. Esperamos com esse texto adensar o debate contemporâneo em torno da construção de estratégias de construção de uma proposta contra-hegemônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** IDEOLOGIA, FORMAS DE MANIFESTAÇÃO, GRAMSCI.

**ABSTRACT:** In the face of the offensive of capital to work not only in the field of social strict sense production, but also in the sphere of culture and politics, through effective mechanisms of ideological domination, we understand that it is important to apprehend that the foundations of ideology and its many forms expression. For this, we seek reference in the design by Antonio Gramsci, which allows us, in addition to capturing what the determinants of ideology, map its manifestations in the common sense of the countryside, religion, folklore and philosophy. It is therefore the purpose of this work to present in summary form how is the relationship between ideology and above spheres lists in the Italian thinker work. As a source of research we make use of the discussions presented in the volum 1 of the prison notebooks, in addition to the contribution of other researchers. We hope with this text densify the contemporary debate around the construction building strategies of counter-hegemonic proposal.

**KEYWORDS:** IDEOLOGY, EXPRESSIONS OF FORMS, GRAMSCI.

---

<sup>1</sup>Trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla denominada “A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA E HEGEMONIA: um estudo dessas categorias a partir do pensamento de Antônio Gramsci”, realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - COPES/UFS, e que contou com a participação, além dos autores mencionados, dos seguintes componentes: Roosevelt Vieira da Silva e Rosa Angélica dos Santos (Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET\_SS), ambos graduandos em Serviço Social pela mesma universidade.

## INTRODUÇÃO

O contexto contemporâneo tem nos desafiado a pensar a partir de quais mecanismos ideológicos os dominantes mantêm a sua dominação. Parece reinar uma apologética que estaríamos vivenciando os limites últimos da humanidade, donde não se é possível imaginar nenhuma alternativa para além do capital – para utilizar uma expressão de Meszaros (2009). Nessa trilha, por outro lado, aparece um cínico discurso de combate às ideologias, notadamente àquelas de caráter contestatório da ordem vigente. Chamamos de cínico pois tal discurso – embriagado de interesses particulares – só pode afirmar como uma não-ideologia, desconhecendo eles – ou buscando velar – que se trata de um componente tão ideológico quanto os que visa combater.

Por outro lado, em tempos de profunda crise do capital, nos parece que hegemonia dominante, em meio a uma fratura de tempo histórico, não consegue mais encontrar respaldo na base estrutural que lhe sustenta, restando tão somente uma vazia defesa ideológica de seus interesses. Por isso, urge a necessidade de desmascarar tais discursos apontando para uma efetiva alternativa.

Como entendemos que Antônio Gramsci foi um dos principais pensadores e militantes da tradição marxista que tratou das formas como a classe dominante exerce sua hegemonia por meio de mecanismos de construção e difusão de ideologias, temos como objetivo desse trabalho apresentar uma sumária discussão acerca da concepção de ideologia em Gramsci e como ela se manifesta em suas múltiplas expressões. Certamente, não temos a pretensão de esgotar a temática em questão. Primeiro porque se trata de um tema absolutamente polêmico e complexo não só em torno do debate daqueles pesquisadores da obra de Gramsci, mas também no conjunto da tradição marxista. De outro motivo, trata-se de uma inicial pesquisa, da qual nos valem de parte da obra de Gramsci a fim de extrair, problematizar e levantar alguns pontos que achamos fundamentais para pensarmos a realidade social. Esperamos, com esse presente texto, mais que apresentar uma leitura conclusiva, trazer à baila elementos que nos permita aquecer o debate em torno dos desafios contemporâneos.

## BREVES NOTAS A PARTIR DA CATEGORIA IDEOLOGIA NA LEITURA GRAMSCIANA

A partir da leitura da parte da obra gramsciana, - fundamentalmente do volume 1 d'*Os cadernos do cárcere*, intitulada "*Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*"<sup>2</sup>-, apreendemos uma concepção de ideologia muito distante do que se formulou na vulgata corrente acerca do termo. Em Gramsci, a noção de ideologia assume

---

<sup>2</sup>Estamos nos referindo à edição brasileira dos Cadernos do Cárcere sob a curadoria dos Profs Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques, e publicados pela editora Civilização Brasileira.

um caráter essencialmente histórico-objetivo, apesar se suas formas de manifestação se darem na esfera que o autor, na esteira de Marx, denominou de superestrutura. Assim, tem-se que a ideologia é identificada por Gramsci como “sendo distinta da estrutura e afirma-se que não são as ideologias que modificam a estrutura, mas sim vice-versa”.

Na concepção gramsciana<sup>3</sup> “a ideologia se objetiva na realidade social, histórica e concreta” (SIMIONATTO, 1995, p.75). Gramsci adota uma concepção de ideologia mais ampla daquela difundida de parte da tradição marxista de sua época, que a concebia como falsa consciência, se configurando simplesmente como uma inversão da consciência. Trata-se, de uma inversão, sim. Mas, não nos termos de uma mera consciência invertida da realidade, ao contrário, refere-se a apreensão de uma realidade invertida, que manifesta no plano das ideias uma realidade alienada, onde os sujeitos se apresentam na forma reificada.

Na esteira do pensamento gramsciano, acredita-se que as ideologias formam uma concepção de mundo que serve para dar sentido e direção às ações humanas, sem que essas ações ou concepções de mundo se tornem banais, mas que estas têm alguma finalidade enquanto seres ontologicamente sociais. Sendo assim de acordo com Liguori (2007, p. 84), “constituem o terreno comum e necessário da consciência e também do conhecimento.”

Segundo Gramsci, a ideologia se funda no método da luta e não no “conteúdo” político que, possui uma tendência a enfraquecer e fragmentar a antítese, reduzindo a dialética a um processo de evolução reformista. A ideologia não é só a relação da estrutura e superestrutura. Gramsci parte de uma dupla conceituação em torno da categoria ideologia. Para o autor existem as *ideologias arbitrárias* – as racionalísticas, arbitrárias, que não produzem mais do que movimentos desagregados – e as *ideologias historicamente orgânicas* – “são necessárias a uma determinada estrutura” (GRAMSCI, 2013, p.238). No caso destas últimas elas “organizam as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam etc.” (Ibid). Desse modo, para o autor:

É necessário, por conseguinte, distinguir entre **ideologias historicamente orgânicas**, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e

---

<sup>3</sup> Aqui cabe uma observação: Toda vez que nos referirmos a noção de concepção ou pensamento gramscianos, referimo-nos ao conjunto da obra do próprio Gramsci e não de seus interpretes. Quando for o caso, informaremos ao leitor.

**ideologias arbitrárias, racionalísticas, “voluntaristas”**. Enquanto são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam etc. enquanto são “arbitrárias” não criam mais do que “movimentos” individuais, polêmicas etc. (nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe à verdade e a afirma) (Ibid).

De modo que

As construções arbitrárias são mais ou menos rapidamente eliminadas pela competição histórica, ainda que por vezes, graças a uma combinação de circunstâncias imediatas favoráveis, consigam gozar de certa popularidade; já as construções que correspondem às exigências de um período histórico complexo e orgânico terminam sempre por se impor e prevalecer, ainda que atravessem muitas fases intermediárias nas quais a sua afirmação ocorre apenas em combinações mais ou menos bizarras e heteróclitas. (GRAMSCI, 2013, p.111).

Como então é possível apreender a força das ideologias? Como avaliar a capacidade que o conjunto de ideias tem de se objetivar e assumir uma determinada força material junto às massas? Gramsci diz que “A adesão ou não adesão de massas a uma ideologia é o modo pelo qual se verifica a crítica real da racionalidade e historicidade dos modos de pensar.”. (GRAMSCI, 2013, p.112). Todavia, essas formas de manifestação da ideologia não se apresentam num campo unívoco e homogêneo, mas permite uma série de variantes de forma e conteúdo que permite-nos distingui-las, como é o caso do senso comum, religião, folclore e a filosofia. Passemos, então, a examinar as principais características dessas manifestações.

## **IDEOLOGIA E SENSO COMUM**

Em sua relação com o senso comum, o autor diz que a ideologia é a forma acrítica que os espaços sociais e culturais idealizam a concepção do mundo:

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como o folclore, apresenta-se em inumeráveis formas: seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia. Predominam no senso comum os elementos “realistas”, materialistas, isto é, o produto imediato da sensação bruta [...] (GRAMSCI, 2013, p.113)

A partir de uma realidade dada, o homem constrói sua visão de mundo, isso por causa de um aspecto acrítico, desistorcizado, ou o senso comum, denominado por Gramsci. O conceito de senso comum é explicado pelo autor como sendo “um nome coletivo, como “religião”, não existe um único senso comum, pois também ele é um produto e um devir histórico.”. (GRAMSCI, p.2013, p.96). As características dessa categoria são difusas e dispersas de “um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular” (Ibid).

Durante toda nossa vida, estamos entrelaçados a normas de conduta em que aprendemos coisas passadas pelas nossas gerações e que não conseguimos dar uma explicação lógica e coerente quando nos é solicitado por determinados fatos que sabemos. Tal fato acontece porque não paramos para refletir sobre a veracidade e o historicismo dos fatos, restando assim somente a repetição desse conhecimento da mesma forma que ouvimos, vemos e aprendemos, mesmo que desconheçamos sua explicação científica. A esse conhecimento popular ou mais precisamente conhecimento do povo é denominado de senso comum.

Gramsci aponta para o fato de que o senso comum não é único, ou seja, existem vários sentidos comuns, na medida em que ele é definido como conhecimento do povo, sendo assim, percebe-se que existe uma variedade de “povo” imensa, diversas culturas que se chocam pelos seus hábitos, costumes, tradições, além de particularidades advindas da inserção de classe. É nessa variedade que se habilita o senso comum diferenciado, pois “não existe um único senso comum, pois também ele é um produto e um devir histórico”. (GRAMSCI, 2013, p.96). É nesse sentido que se pode dizer que o senso comum é amplo, diverso, pois cada um tem a sua particularidade e seus entendimentos.

No âmbito do senso comum, em muitos casos os determinantes de uma vanguarda intelectualizada, consciente ou não, busca convencer as grandes massas dominadas e só consegue cumprir sua função no senso comum, pois será somente por meio dessas crenças acríticas que será possível ideologizar uma forma de “manipular” essa massa. Essa maneira de fazer com que esses indivíduos aceitem a condição posta, pode ser de tal forma que o poder ideológico dominante, possa legitimar-se promovendo o senso comum ao seu favor, sem que alterações possam ser feitas afim de próprio prejudica-los ou desfazer algo que estava dando certo. Tal afirmação é definida nas palavras de Eagleton (1997, p. 19):

[...] um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele, naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-los óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo ideias que possam desafiá-lo; excluindo formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mais sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorece-lo.

O senso comum pode, por sua própria conta, confirmar a dominação de determinadas estruturas básicas da sociedade, na visão de Mészáros (2004). O papel ativo do senso comum na visão geral do mundo não nos serve de alívio porque sua relação com a ideologia crítica não é o mesmo com a ideologia dominante. O autor diz que há dificuldade em caracterizar o senso comum das classes subalternas nos termos estritamente ideológicos, com relação às crenças religiosas, folclores, mesmo que sejam importantes, esses fatores não explicam as conceituações distorcidas do mundo, e mesmo distorcidas, não perdem o caráter de senso comum.

Uma discussão de Mészáros (2004, p. 479) refere ao impacto da ideologia dominante, nesse aspecto, onde constata que,

[...] o impacto maciço da ideologia dominante na vida social como um todo só pode ser apreendido em termos da profunda *afinidade estrutural* existente entre as mistificações e inversões práticas, por um lado, e suas conceituações intelectuais ideológicas, por outro.

Se as conceituações se encontram sedimentadas no senso comum, isso se deve a afinidade estrutural que teve origem nas bases de determinações materiais compartilhadas pelas modalidades de ideologia, modalidades de ideologia que sejam produzidas tanto pelos intelectuais especializados quanto pelos indivíduos que contribuem para a formação do senso comum.

Tornar esses valores, tradições, ou melhor, o senso comum natural é óbvio, é tornar a dominação ideológica mais acessível para a dominação. Já o bom senso debate-se nessa ideia na medida em que traduz o lado coerente, o lado crítico, perceptivo, saindo assim da abstração e da percepção imediata, e voltando assim para o campo da análise sobre a situação.

O bom senso possibilita avaliar, com certo grau de crítica, o transcorrer dos fatos e a maneira vulgar de pensar, é a forma do “filosofar” espontâneo do homem comum, com certa capacidade de organização das ideias, de forma pouco rigorosa. Essa possibilidade de assumir uma postura de independência racional e coesa faz com que o indivíduo possa se cercar das pressões ideológicas e das vastas informações que enfrenta a todo instante.

Longe de desconsiderar os aspectos relativos ao senso comum, cumpre-nos proceder com sua avaliação crítica, como espaço de disputa, *locus* privilegiado de embates entre as classes fundamentais. É nessa perspectiva que Gramsci, ao apreender o conjunto de elementos que consubstanciam esse espaço, nos permite construir estratégias de identificar elementos de bom senso a fim de nos contrapor a ideologia dominante.

## **RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA, RELIGIÃO E FOLCLORE**

Partindo de uma determinada concepção de mundo através da ideologia, tem-se a religião e o folclore. Ambos são concepções de mundo, e a depender do indivíduo, estes podem ser concebidos naturalmente sem realizar nenhuma reflexão ou serem autocríticos. Para Gramsci a religião constitui elemento do senso-comum, dessa forma os elementos do segundo são fornecidos pelo primeiro, tornando íntima essa relação. Liguori, (2007, p.89) deduz que o autor dos *Cadernos do Cárcere*, “vincula a ideologia à religião (popular), ao folclore e ao senso comum”.

De acordo com Gramsci (2013) deve tomar o cuidado de que não há apenas uma única religião, levando em conta à católica, mas são distintas e contraditórias. Assim: “há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos-burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo.” (GRAMSCI, 2013, p.112).

Esses diferentes tipos de catolicismo são componentes do senso comum como também “as religiões precedentes e as formas precedentes do atual catolicismo, os movimentos heréticos populares, as superstições científicas ligadas as religiões passadas etc.” (Ibid).

De acordo com Liguori (2007), em Gramsci, a ideologia e religião têm em comum uma estreita ligação. Acredita-se que, na sociedade, a religião e em especial a igreja teve influência na direção da sociedade e até hoje continua pregando seus dogmas. Desse modo, a religião e o senso comum não precisam de ordem intelectual assim como a filosofia precisa, visto que esta critica e supera a religião e o senso comum. Gramsci diz que: “A religião e o senso comum não podem constituir uma ordem intelectual porque não podem reduzir-se a unidade e a coerência nem mesmo na consciência individual, [...]” (2013, p.325). Logo, a religião é uma espécie de conduta que as pessoas aceitam devido acreditar em um Ser superior, que não pode ser questionado.

De outra parte, na esteira de Gramsci, entendemos que há a necessidade de estudar o folclore como concepção de mundo e de vida de uma parte da sociedade em contraposição com as concepções de mundo de outra parte da sociedade, as consideradas concepções oficiais. Decerto, nos escritos de Gramsci, há uma aproximação da religião com o folclore, quando ele afirma “[...]que todas as religiões, até mesmo as mais elaboradas e refinadas, são “folclore” com relação ao pensamento moderno” (2011, p.133).

Cabe ainda destacar as religiões, primeiramente a católica, são elaboradas pelos intelectuais<sup>4</sup>. Antes dessa colocação, destaca:

O folclore só pode ser compreendido como um reflexo das condições de vida cultural do povo, ainda que certas concepções próprias do folclore ou perdurem mesmo depois que as condições foram (ou pareçam ter sido) modificadas ou, então, deem lugar a combinações bizarras. (Idem, p. 134).

De acordo com Gramsci, o folclore está presente na conduta prática e nos costumes das pessoas. A “moral do povo” está relacionada precisamente nas superstições e crenças religiosas, ou seja, num conjunto de condutas e normas. Ainda na moral do povo, se encontra os estratos, que representam os fósseis, que refletem as condições de vidas passadas e os que são uma série de inovações criadoras e progressistas determinadas pelas condições de vida no processo de desenvolvimento.

A relação da ideologia com a religião, o senso comum, a filosofia, o folclore é tratada como uma família de conceitos. O conceito que cada uma apresenta não pode sobrepor ao outro, apesar de estarem relacionado entre si. Assim, esses elementos correlacionados formam na concepção gramsciana “uma rede conceitual”, onde a ideologia não engloba apenas elementos políticos, mas também de outras determinações, nesse caso nas manifestações da vida social.

## **IDEOLOGIA E FILOSOFIA**

Esses dois termos tem uma relação conjugada na medida em que a ideologia se encarrega de alimentar o mundo das ideias e que a filosofia se encarrega de lançar o ponto crítico dessas mesmas ideias. A concepção de mundo dada pela filosofia faz refletir sobre a

---

<sup>4</sup> Ainda que não seja objeto desse trabalho, cumpre registrar a brilhante contribuição que o autor italiano no dá para pensar a forma como se dá a difusão da ideologia a partir do vínculo estabelecido com os intelectuais.

incidência ideológica de qualquer classe, seja ela burguesa ou proletária, superiores ou inferiores.

A filosofia se entrelaça com a ideologia no momento em que uma participa da história da outra, sem a ação ideológica, não existe possibilidade de introduzir a ação filosófica nesse âmbito. De acordo com Gramsci:

A história da filosofia tal como é comumente entendida, isto é, como história das filosofias dos filósofos, é a história das tentativas e das iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar as concepções de mundo existentes em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto, as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática em seu conjunto. (2013, p.325).

Gramsci aponta que todos os homens são filósofos, na medida em que todos nós compartilhamos de uma dada visão de mundo. Todavia, Gramsci faz distinção entre aquele homem que tem uma concepção de mundo desagregada, e aquele homem que tem uma concepção mais crítica, mas não deixa de ser concepções filosóficas e também uma atividade intelectual ocasionando assim uma ação ideológica.

O autor afirma ainda que o indivíduo que tem a concepção de mundo desagregada pertence ao grupo dos homens-massa – seria um grupo bem mais extenso que se vê no mundo fora do padrão difundido pela hegemonia – que não possuem nexos com a pura realidade, pois: “criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído”. (GRAMSCI, 2013, p.93). Por conseguinte, o homem que faz parte desse grupo massa, não tem a capacidade ideológica e crítica de mudar as normas de conduta, aperfeiçoar, corrigir o que for necessário, pois se o ser não se adequa a esse pensamento e as essas exigências, certamente estará desagregado dessa concepção.

Se a ideologia é o ideário de objetivação de uma classe, seja ela dominante ou dominada, pelo fato de que a filosofia virá para analisar as duas formas e fazer a escolha entre elas, visto que segundo palavras de Gramsci “[...] não existe filosofia em geral: existem diversas filosofias ou concepções de mundo, e sempre se faz uma escolha entre elas”. (Ibid). É importante ressaltar que tais escolhas não se realizam em abstrato, ao contrário, nelas são atravessadas perspectivas de classe, que por sua vez se expressam num conjunto de ideias.

## A FILOSOFIA DA PRÁXIS

Para Gramsci a filosofia da práxis é uma reforma e um desenvolvimento da doutrina filosófica de Hegel. O **Hegelianismo** é uma corrente filosófica desenvolvida por Georg Wilhelm Friedrich Hegel que consegue compreender o que de fato é a realidade, ainda que seja num “romance filósofo”, mas ele consegue identificar as contradições. Marx então dialoga com essa corrente filosófica e percebe o equívoco realizado por Hegel: “Não é a Constituição que faz o povo, mas o povo que faz a Constituição”. (MARX, 2013, p. 30). Nesse sentido de ser uma reformulação do hegelianismo, a filosofia da práxis

[...] é uma filosofia liberada (ou que busca liberar-se) de qualquer elemento ideológico unilateral e fanático, é a consciência plena das contradições, na qual o próprio filósofo, entendido individualmente ou como um grupo social global, não só compreende as contradições, mas coloca a si mesmo como elemento da contradição, eleva este elemento a princípio de conhecimento e, conseqüentemente, de ação. (GRAMSCI, 2013, p.204)

A filosofia da *práxis* é, para Gramsci, a construção de vontades coletivas correspondentes às necessidades que emergem das forças produtivas objetivadas ou em processo de objetivação, bem como da contradição entre estas forças e o grau de cultura e de civilização expresso pelas relações sociais. Está implícita nela, que aparece como uma concepção filosófica, uma série de ciências da natureza e do homem. Tomadas isoladamente, tais ciências podem ser consideradas como independentes; consideradas como expressão da possível contradição entre atividades criativas e relações comunicativas de tipo social, passam a fazer parte da filosofia da *práxis* e, desse modo, podem influir sobre a política, isto é, sobre aquelas mudanças que nos fazem entrever um novo modo de viver e níveis superiores de civilização. E de acordo com Gramsci, ela se apresenta da seguinte forma:

[...] inicialmente, em atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente, e do pensamento concreto existente, (ou mundo cultural existente). E portanto, antes de tudo, como crítica do “senso comum” (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que “todos” são filósofos e que não se trata de introduzir ex-novo uma ciência na vida individual de “todos”, mas de inovar e tornar “crítica” uma atividade já existente) e, posteriormente, como crítica da filosofia dos intelectuais, que deu origem à história da filosofia e que, enquanto individual (e, de fato ela se desenvolve essencialmente na atividade de indivíduos singulares

particularmente dotados), pode ser considerada como “culminâncias” de progresso do senso comum, pelo menos do senso comum dos estratos mais cultos da sociedade, e através desses, também do senso comum popular. (GRAMSCI, 2013, p.98).

A filosofia da *práxis* é a expressão mais completa das contradições históricas porque é consciente, o que também a torna ligada à necessidade e não a liberdade, a qual não existe e ainda não pode existir historicamente. Ela não é um pensamento puro ou um esquema gnosiológico abstrato que cria idealmente as coisas e os fatos, mas “ato impuro”, atividade concreta, histórica, fundada em relações abertas, dinâmicas, dialéticas do homem com a natureza, da vontade humana com as estruturas econômicas, dos projetos políticos com as cristalizações culturais. E

[...] deduz-se daí, também, que o caráter da filosofia da *práxis* é sobre tudo o de ser uma concepção de massa e de massa que opera unitariamente, isso é, que tem normas de conduta não só universais em idéia, mas também “generalizadas” na realidade social. (GRAMSCI, 2013, 340).

Os processos denominados por Marx de “classe em si” à “classe para si”, são justamente a passagem da consciência reivindicatória para uma consciência da totalidade da realidade social, que Gramsci chama de “catarse”. A catarse era o estado de purificação da alma experimentada pela platéia através das diversas emoções transmitidas no drama. Dessa feita pode-se afirmar que há uma possibilidade de uma mutua relação emocional do homem como um ser social e as práticas originadas dos seus pensamentos filosóficos. Nas palavras de Gramsci,

Pode-se empregar a expressão “catarse” para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoísmo-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade à liberdade”. A estrutura, de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas. A fixação do momento “catártico” torna-se assim, parece-me, o ponto de partida de toda a filosofia da *práxis*; o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses que resultam do desenvolvimento dialético. (GRAMSCI, 2013, 314).

De acordo com o pensamento gramsciano, existem três momentos que os grupos sociais alcançam, do grau de homogeneidade, organização e consciência ideopolítica. Dos quais, o primeiro momento é aquele em que o grupo assume consciência dos seus interesses e a forma de como organiza-los, momento econômico-corporativo; o momento sindicalista é aquele onde todos os membros do grupo social atingiram a consciência da solidariedade, porém no campo econômico; o terceiro momento é aquele em que os indivíduos conseguem alcançar a consciência de classe ou “fase da hegemonia”, aqui se sabe que os interesses da massa superam os interesses da burguesia. É nesse sentido, que a filosofia da práxis como a mais coerente expressão da filosofia de todos os tempos se põe como uma importante “ferramenta” ideológica de construção de uma contra-hegemonia, de modo a permitir às classes subalternas alcançar a posição de classe dirigente em direção a uma outra forma de sociabilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como podemos observar, a concepção elaborada por Gramsci de ideologia remete a um terreno bastante profícuo de pensar como um conjunto de ideias produzido no seio de uma sociedade de classes adquire múltiplas formas de manifestação. É, também, através dessas formas de manifestação que as classes, em luta, expressam seus projetos societários – de conservação ou de superação da ordem vigente. Claro que não se trata da defesa de uma suposta semiologização das lutas sociais. Ao contrário, eles só elevam ao plano das ideias, porque são produtos de uma determinada objetividade social, expressão das formas como os sujeitos se relacionam para produzir.

É nessa trilha que a leitura gramsciana nos fornece uma importante ferramenta de pensar quais os desafios presentes no campo da cultura e da política, em tempos de exacerbação da vulgata pós-moderna. Se Gramsci estiver correto – e acreditamos que está – não se pode falar em luta de classes, sem nos remetermos aos mecanismos ideológicos dos quais essas classes se valem para a disputa. Apreender, portanto, quais são e como funcionam tais mecanismos, no plano do senso comum, da religião, do folclore e da filosofia, é tarefa fundamental àqueles que almejam a construção de uma outra forma societal, para além do jugo do capital.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1997. Trad. Silvana Vieira, Luis Carlos Borges.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. V.6

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, V.1

LIGUORI, G. **Roteiros para Gramsci**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia; tradução Paulo Cezar Castanheira**. – São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para além do Capital**. São Paulo, Boitempo, 2009.

SIMIONATTO, I. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 1995.